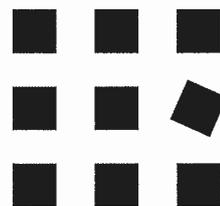


# Acordar, sair, caminhar. Desacelerar... olhar, parar. Olhar de novo.

Obras da Coleção Treger/ Saint Silvestre

Curadora **Antonia Gaeta**



Uma das características marcantes da Coleção Treger/ Saint Silvestre reside na tendência em apresentar o mundo em termos transcendentais e metafísicos.

As obras colecionadas ao longo de cerca de quarenta anos delineiam, de forma clara e honesta, a necessidade dos colecionadores de revelarem um universo criativo, uma cosmologia subjacente à realidade de um número infinito de mundos.

Dentro dessa variedade de mundos, ao estudar a coleção, decidi trabalhar o núcleo de arte singular com algum apontamento de arte bruta – se é que estas definições ainda acrescentam alguma mais-valia – e mais concretamente, trabalhar e principiar uma reflexão sobre as dispares formas de ver, viver e interpretar a cidade.

Seguindo este caminho, as obras em exposição representam um conjunto complexo submetido a uma certa ideia de organização do espaço, regras, proibições, deveres e responsabilidades, mas também possibilitam o seu contrário mostrando alguma displicência e hilaridade das dinâmicas do urbano, e ainda o fantasioso, o grotesco, o labor.

Ao desenvolver a ideia desta exposição colectiva, seguiram-se precisas linhas guias tanto na selecção como no display das obras, ou seja, o encontro, a participação e o ritmo lento da reflexão. Mas também se utilizaram obras nas quais os universos fantásticos e obsessivos dos autores dialogam livremente numa relação criativa que mantém com o espaço urbano.

O fio conductor explícito na exposição são os prédios, os mapas, os panoramas da cidade que nos conduzem numa viagem fantástica entre a invenção e a utopia, na qual o urbano torna-se pretexto para imaginar espaços de vida diversos e/ ou escapatórias ao quotidiano.

E não surpreende que seja a cidade, o espaço urbano, a casa, no universo da arte bruta e singular, um motivo recorrente principalmente pelo seu carácter de desejo, eternamente frustrado, de encontrar um lugar, um espaço, onde se sentir realmente acolhido.

É por isso que ao longo das salas expositivas fala-se de constricção, reclusão, marginalidade, de espaços dentro dos quais consomem-se histórias pessoais, por vezes, lugares onde exercitar e reivindicar a própria liberdade, dando vida a construções feitas de rigores geométricos ou instáveis cromias, de perspectivas minuciosas e concretas que relatam com precisão estradas realmente percorridas ou deslizam no tempo e no espaço para se transformarem em construções de palácios ideais, oriundos de culturas antigas e de outros mundos ou de fornecer o escapismo aos indivíduos presos, por vezes, pelos seus próprios pensamentos ou privados da liberdade física.

E não, a escolha do título da exposição, não é inocente uma vez que o propósito é de sugerir: olham com atenção! Do que se está a falar? São regras, instruções, sugestões, uma certa prática rotineira ou um mero convite ao emprego disfuncional do tempo? Onde se quer colocar a ênfase? Na dimensão conceptual, formal ou participativa das obras?